

Christoph Marthaler põe a Europa em cima do precipício e diverte-se a observar

Inês Nadaís

Em *O Cume*, o encenador suíço desmonta com o seu prodigioso sentido do absurdo a coreografia e a cacofonia dos retiros onde as elites decidem a vida dos demais. Uma alegoria enigmática – mas urgente.

ficará mais uns dias, refugiando-se do “calor terrível” de mais um Verão anormal, o novo normal. Uma casa que logo imaginamos diametralmente oposta àquela onde se passa toda a acção – ou, mais exactamente, toda a inacção – de *O Cume*, com que regressa ao Festival de Almada depois de +-0 (*Um Acampamento no Subártico*), em 2012, *King Size*, em 2015, *Uma Ilha Flutuante*, em 2017, e *Nenhuma Ideia*, em 2022.

Desta vez, não estamos numa estação polar, numa cama gigante, num salão burguês, no átrio de um prédio: o encenador nascido em Erlenbach, no cantão de Zurique, a mais de 1300 metros de altitude, fecha as suas seis personagens vindas de diversas partes da Europa num *chalet* espartano (mas tão cheio de surpresas quanto um canivete suíço), empoleira-o no cume de uma montanha e diverte-se a observar a coreografia e a cacofonia de um fracasso civilizacional onde

vemos reflectida, em miniatura, como num globo de neve, a deriva da União Europeia. Isto enquanto o público se enreda na armadilha de tentar adivinhar de onde vem e para onde vai tão enigmática comitiva – só que o mistério, diz o encenador, é para manter até ao fim.

Como ele próprio chegou a este *chalet* e a estas seis personagens (genialmente compostas e descompostas por Charlotte Clamens, Federica Fracassi, Graham F. Valentine, Liliana Benini, Lukas Metzenbauer e Raphael Clamer, uns *habitués* e outros nem tanto), isso sim, pode contar-nos. “O espectáculo começou por ser uma proposta de co-produção entre o Théâtre Vidy-Lausanne, o Piccolo Teatro de Milão e o MC93 [Maison de la Culture de Seine-Saint-Denis] de Bobigny [nos arredores de Paris]. Ora eu sempre adorei fazer espectáculos em múltiplas línguas! Naturalmente surgiu a ideia de uma reunião, uma con-

Christoph Marthaler já leva anos suficientes de Europa (fará 75 em Outubro) para saber do que a sua velha e ultrapassada casa gasta, e no entanto continua a espantar-se – mais do que nunca, diria até.

“É inacreditável!”, repete ao Ípsilon quase liturgicamente, agarrando-se à frase como a um bastão de *trekking*, na rara entrevista que aceita dar a propósito da chegada ao Festival de Almada de mais um dos seus espectáculos, *O Cume* (Teatro

Nacional D. Maria II, Lisboa, hoje, às 21h30, e amanhã, às 18h). “Inacreditável” o isolamento a que, enquanto sociedade do Primeiro Mundo, nos votámos e nos conformámos; “inacreditável” o impasse na União Europeia, cimeira após cimeira após cimeira; “inacreditável” a imparável ascensão da extrema-direita na Alemanha; “inacreditável” o ataque, via cortes orçamentais, à pujança da vida cultural francesa.

Inacreditável é também, embora numa muito mais ínfima escala, que

estejamos ao telefone com este gigante da cena teatral europeia, criador de um universo ficcional inconfundível orquestrado pela música, pela poesia, pelo absurdo e por um prodigioso poder de observação – e que em 2004 se auto-impôs um voto de silêncio depois de “uma certa direita” (palavras alheias) ter infernizado a sua passagem, enquanto director artístico, pelo maior teatro suíço, a Schauspielhaus de Zurique.

“Vamos lá ver o que isto dá”, lança-nos da casa na montanha onde